



SESSÃO PARALELA 18 | LINHA 3

**O BAIRRO OPERÁRIO DA TABAQUEIRA (1962-1974) PARA
ALBARRAQUE:
O IDEÁRIO DE UMA NOVA MODERNIDADE PROMOVIDA PELA CUF**

Page | 377

Vanessa Alves^a, Teresa Marat-Mendes^b, Inês Marques^c, Mafalda Sampayo^d

^a ISCTE-IUL, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Lisboa, Portugal.

E-mail: vanessaandrealves@gmail.com

^b ISCTE-IUL, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Dinâmia'CET, Lisboa, Portugal.

E-mail: teresa.marat-mendes@iscte-iul.pt

^c Universidade Lusófona, ECATI, COW, Lisboa, Portugal.

E-mail: ines.andrade.marques@ulusofona.pt

^d ISCTE-IUL, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, ISTAR, Lisboa, Portugal.

E-mail: mafalda.sampaio@iscte-iul.pt

RESUMO

O presente artigo promove uma análise de caracterização morfológica ao bairro operário da Tabaqueira, edificado em Albarraque, no concelho de Sintra. O bairro resultou de um projeto promovido e realizado pela Companhia União Fabril (CUF), em diferentes fases de desenvolvimento. Em 1962 é construída a primeira fase e, posteriormente, entre 1972 e 1974 é concluída a sua edificação. A construção do bairro respondeu aos instrumentos legais de apoio à habitação social promovidos pelo Estado Português, aliados também às políticas paternalistas da própria CUF e nele se adota uma Arquitetura Moderna.

O programa de casas económicas das “Habitações Económicas – Federação de Caixas de Providência” (HE-FCP) assumiu uma linha de desenho e de pensamento do espaço de habitação em sintonia com as teorias do Movimento Moderno contemporâneas.

Foi autor do Projeto do Bairro da Tabaqueira, o arquiteto António Moreira Veloso (1927-2002). Este arquiteto já havia participado e contribuído para o desenvolvimento de alguns projetos de arquitetura habitacional em Portugal até 1960, nomeadamente para os Olivais Norte e Sul, do qual Moreira Veloso herdou um modo de fazer e construir cidade que valorizava a existência e a permeabilidade dos espaços verdes. Em Albarraque, Veloso viria a optar por uma disposição das bandas habitacionais num quarteirão aberto, no sentido de garantir uma desejável permeabilidade entre os espaços públicos.

A metodologia de apoio à investigação, que alicerça a presente comunicação, baseou-se na recolha documental de fontes primárias, tais como fotografias aéreas, cartografia militar e desenhos técnicos, recorrendo-se à vectorização em AutoCad, de modo a permitir uma quantificação das tipologias e a análise da morfologia dos espaços urbanos. A escolha da análise deste bairro fundamenta-se em duas circunstâncias: i) acreditamos que o bairro possui ainda hoje qualidades funcionais e estéticas que devem muito ao seu desenho urbano original, e que estas justificam o seu estudo detalhado; e ii) este é um bairro que carece de uma investigação aprofundada, dado que apenas temos conhecimento de uma investigação conduzida acerca do



projeto e da construção deste bairro, tratando-se de uma dissertação de mestrado (ALVES, 2021). Perante estes motivos consideramos pertinente o desenvolvimento de um estudo deste bairro nas suas mais variadas vertentes, no sentido de difundir o seu projeto e enaltecer as suas características morfológicas.

A preocupação de alguns industriais em dar resposta às questões de alojamento dos seus operários, despoletou em Portugal o surgimento de diversas iniciativas privadas de edificação de conjuntos habitacionais para o proletariado. Estas habitações operárias procuravam também proporcionar melhores condições de vida do que as precárias condições em que a maioria dos operários vivia.

Page | 378

A CUF surge no ano de 1898, através da iniciativa do Visconde da Junqueira, José Dias de Leite Sampaio (1804-1870). Esta companhia, fundada em 1857, mas sob a denominação de Fábrica União, foi posteriormente adquirida pela Companhia União Fabril em 1872 (NEVES, 2010). Um dos novos acionistas da CUF, Henry Burnay, seria também investidor na Companhia Aliança Fabril (CAF), companhia esta que surgiu no final de 1880, administrada por Alfredo da Silva em 1893 (NEVES, 2010). O facto de Henry Burnay lucrar com os investimentos que fazia na companhia administrada por Alfredo da Silva e de ambas as companhias, CUF e CAF, se dedicarem à mesma área de produção, levaram à sua unificação em 1898. Desta fusão, resultou a Companhia União Fabril, que passou a ser administrada por Alfredo da Silva, até à sua morte, em 1944, e chega a 1974 pela mão dos seus descendentes, a terceira geração do industrial (NEVES, 2010).

Em 1907 Alfredo da Silva comprou os terrenos no Barreiro onde desenvolveria a sua indústria e criaria uma microcidade industrial. Mais tarde, em 1927, funda A Tabaqueira, tendo esta sido localizada no Poço do Bispo. Em 1959, dá-se início à construção de uma nova unidade fabril em Albarraque, pertencendo ao concelho de Sintra.

Para o estudo do novo bairro operário da CUF, localizado em Albarraque, foi necessário localizar e analisar os desenhos do processo do Projeto do bairro, assim como as peças escritas que acompanhavam o mesmo. A primeira fase da investigação decorreu entre 2020 e 2021 e centrou-se na localização do processo do projeto, nomeadamente no Arquivo Histórico CUF-Alfredo da Silva. Contudo, não foi identificado nesse arquivo qualquer informação relativa à construção do bairro da Tabaqueira em Albarraque. Dando continuidade à nossa pesquisa, a informação sobre o bairro a que nos propusemos estudar foi identificada nos arquivos da Câmara Municipal de Sintra. Foram aí localizados dois planos urbanos propostos para o bairro da Tabaqueira, datados de 1960 e 1962.

O plano urbano de 1960 (Figura 1) é formalmente diferente do plano construído posteriormente, com data de 1962 (primeira fase de construção do bairro) e subsequentemente do plano de 1972 (segunda fase de construção do bairro). No plano de 1960 o bairro operário encontra-se situado a Norte da fábrica, com implantação idêntica na cota mais baixa (a que tem o declive mais acentuado) e na cota mais alta. A implementação dos volumes das habitações é paralela à implantação da fábrica. Este plano apresenta oito blocos habitacionais, implantados em cotas distintas, acompanhando a encosta Norte. A meia encosta, foi projetado um espaço de permanência (possivelmente uma praça) que apresenta três lados construídos, um bloco habitacional a Sul, um outro bloco habitacional a Norte, e eventualmente um equipamento a Nascente (a implantação deste edifício não está indicada no desenho).

Palavras-chave: *Bairro Operário; Tabaqueira; Industrialização; Desenho Urbano.*



Figura 1: Plano de conjunto do bairro da Taboqueira conforme planeado nos anos de 1960 (a), 1962 (b), 1968 (c) e 1974 (d)

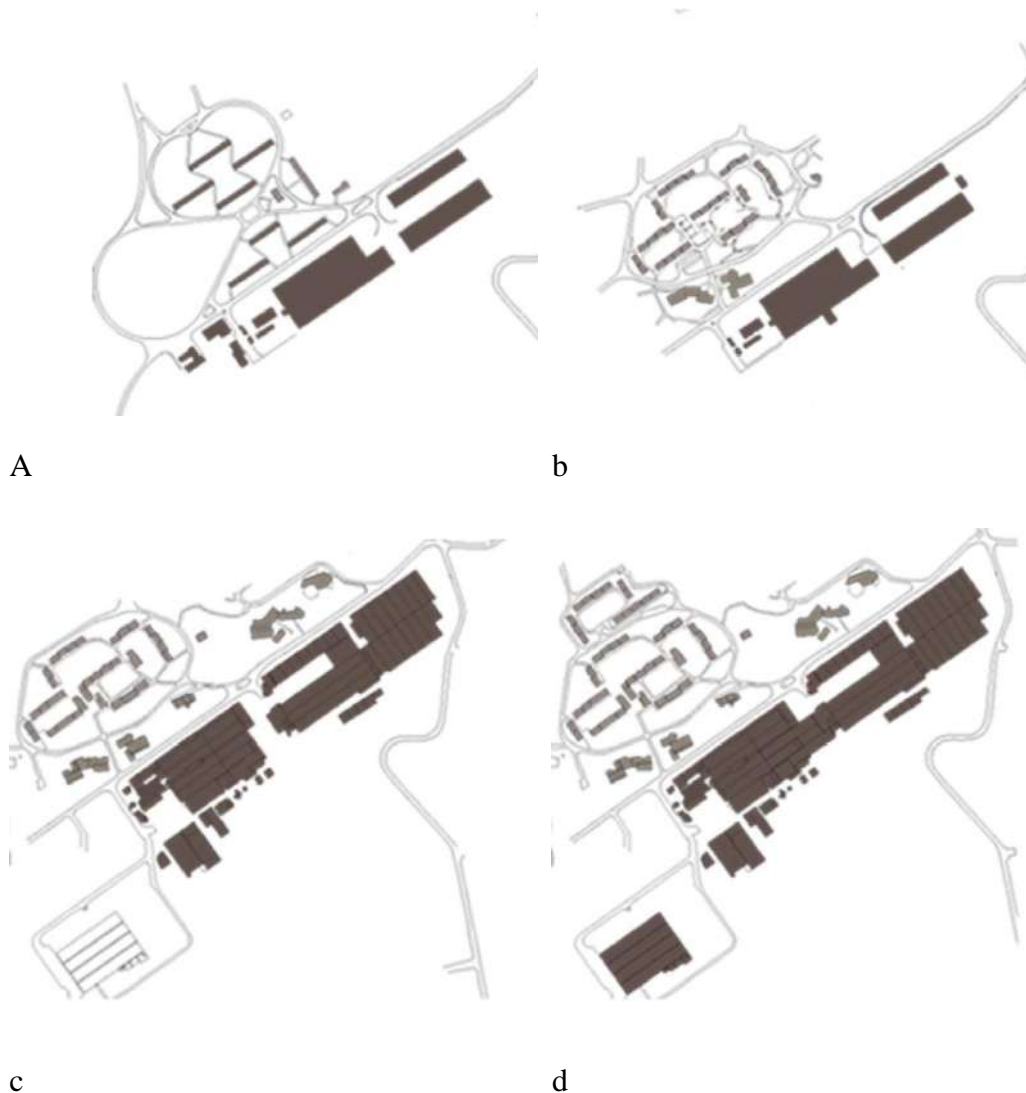


Figura 1: Plano de conjunto do bairro da Taboqueira conforme planeado nos anos de 1960 (a), 1962 (b), 1968 (c) e 1974 (d)

Todavia, não é possível concluir por que razão o plano de 1960 não é construído, assim como não é possível identificar-se a autoria deste plano. O plano de 1962, construído e desenvolvido até 1975, apresenta uma área de implantação para os blocos habitacionais superior à área indicada no plano de 1960, apesar de ambos os planos apresentarem uma baixa densidade de ocupação.



	Edifícios	Ano de Construção	Projetista/Arquiteto	
HABITAÇÃO 1ª fase	9 Bandas Habitacionais (60 habitações – Piso térreo)	1962 – 1964	Arq. António Moreira Veloso	
	9 Bandas Habitacionais (240 habitações – 4 pisos)	1962 – 1964		
HABITAÇÃO 2ª fase	4 Bandas Habitacionais (112 habitações – Piso térreo)	1968 – 1975(?)		
	4 Bandas Habitacionais (28 habitações – 4 pisos)	1968 – 1975(?)		
	Casa dos Solteiros	1962 – 1964		
	Casa do Diretor	1962 – 1964		(?)
	Refeitório	1962 -1965		Centro de Projectos CUF
	Posto Médico	196? - 1967		Arq. António Moreira Velooso (?)
	Jardim-Escola	1962 - 1965		Arq. António Moreira Velooso (?)
	Igreja	1964 - 1965		Arq. Jorge Viana
	Centro Cultural	1965 - 1969	Centro de Projectos CUF	

Quadro 1: Descrição do plano de urbanização do bairro operário da tabaqueira

O bairro da Tabaqueira é planeado obedecendo a conceitos de hierarquização e de zonamento defendidos pelo Movimento Moderno, privilegiando uma evidente separação entre as zonas destinadas ao trabalho, à habitação e ao lazer. Esta delimitação de áreas é acentuada pela única ligação rodoviária projetada, e que isola o complexo industrial, o bairro e as localidades envolventes.

A hierarquização de vias em conformidade com o programa de serviços e de lazer, contribuiu para uma estruturação do desenho urbano. Desde modo, os percursos desenhados no plano de urbanização do bairro operário da Tabaqueira podem categorizar-se em três tipos de ligações: i) Caminho geral, nomeadamente o da rede rodoviária, que faz a ligação do complexo à Estrada Nacional, o qual se estende e delimita o anel que acolhe o núcleo residencial; ii) Caminhos funcionais, que fazem a ligação entre os pontos de interesse do bairro, os quais se destinam principalmente à circulação pedonal, mas nos quais também é viável a circulação controlada de automóveis; e iii) Caminhos contemplativos, que se destinam em exclusivo ao uso pedonal e que desvendam os espaços públicos ajardinados, coabitando com a natureza.

A categorização dos percursos permitiu ainda a ordenação e delimitação dos subnúcleos criados com intuito de albergarem edifícios de carácter público, distribuindo-os entre equipamentos de serviços e equipamentos culturais.

O desenho do núcleo da área residencial, envolvendo parte dos equipamentos públicos, resulta da disposição dos blocos habitacionais e dos seus espaços públicos. A organização dos blocos habitacionais gerou um conjunto de vazios que sugerem formas regulares. Estes vazios viriam a ser desenhados, em 1968, no Plano de Enquadramento Paisagístico do Bairro da Tabaqueira, pelo arquiteto Paisagista Gonçalo Ribeiro Telles (1922-2020). Pode-se concluir que este plano previa que cada bloco habitacional tivesse o seu próprio espaço verde, proporcionando um diálogo entre o edificado e a paisagem, que viria a ser estruturante para o sucesso do bairro operário.



O arquiteto paisagista defendia as qualidades do Urbanismo Moderno, argumentando que os espaços públicos deveriam ser amplos e terem a capacidade de qualificar o sítio. Refletindo a sua ideologia, Ribeiro Teles, hierarquizou os percursos e os espaços contíguos aos mesmos, desenhando um plano de conjunto urbano hierarquizado e com zonas delimitadas de serviço e de equipamentos culturais.

Desde modo, levantam-se as seguintes questões: terá o Projeto de Enquadramento Paisagístico sido realizado paralelamente ao Plano de Urbanização do Bairro Operário da Tabaqueira? Terão os arquitetos Ribeiro Telles e Moreira Veloso trabalhado em conjunto, em algum momento neste processo? Acreditamos que sim. Embora tenhamos conseguido confirmar a autoria do projeto paisagístico, não conseguimos localizar os desenhos do plano de Ribeiro Telles, em tempo útil, no Arquivo do Forte de Sacavém. Os planos paisagísticos da habitação da primeira e segunda fase são distintos. Se o da primeira fase tem nitidamente o cunho de Ribeiro Telles, o plano da segunda fase é bem diferente.

Page | 381

Neste sentido, questionámo-nos se terá sido o arquiteto Moreira Veloso a desenhar os espaços verdes do plano de 1972-1974? Os espaços públicos do plano geral são representativos de dois momentos históricos, os da primeira fase têm similaridades com o Plano da Nova Oeiras nomeadamente na organicidade dos percursos, enquanto os espaços públicos da segunda fase são mais rígidos. Os espaços públicos da segunda unidade residencial fazem-se em volta de um grande vazio, que está estruturado em duas cotas distintas, sendo a mais alta um parque de estacionamento e a mais baixa um espaço verde com arborização semelhante à do plano da primeira fase.

No ano de 1964, foram inauguradas 240 habitações no Bairro da Tabaqueira. No entanto, algumas já haviam sido ocupadas pelos funcionários da fábrica, em 1963. As habitações dividiam-se por 30 blocos residenciais que estavam inseridos em 9 bandas. Os blocos foram projetados com 2 apartamentos por piso, totalizando uma altura máxima de 4 pisos por edifício. Os apartamentos só poderiam ser arrendados por funcionários que tivessem família, conforme as normas definidas pelo Estado, visto que estas habitações pertenciam às HE-FCP.

Há ainda que distinguir outros dois tipos de habitação projetados para o Bairro da Tabaqueira: o bloco habitacional para funcionários solteiros, e a casa do diretor. Ambos foram projetados em conformidade com o restante plano de urbanização. O primeiro tipo pretendeu dar resposta à falta de habitação para os operários solteiros, não contemplados nas HE. Esta tipologia foi edificada no núcleo habitacional e era denominada por “casa dos solteiros”, detinha apenas dois pisos e oferecia a hipótese aos seus trabalhadores de alugarem um cómodo para poderem usufruir da vida do bairro. A casa dos solteiros ocupava uma posição de destaque, face à área residencial planeada para operários e quadros médios. Por sua vez, a casa do diretor, encontrava-se no anel exterior à grande avenida, esta era uma moradia isolada envolta do seu próprio espaço ajardinado.

Respeitando o planeamento da cidade moderna onde o espaço de trabalho e o espaço da vida privada deviam estar distanciados, foram projetados para o anel exterior à via de circulação rodoviária um conjunto de equipamentos públicos de apoio ao quotidiano profissional dos operários, mas também de carácter recreativo. Todavia, este conjunto repartia-se em dois núcleos, por ser atravessado por um eixo que fazia o acesso da Av. Alfredo da Silva à via que circunscrevia a zona habitacional.

No núcleo a Oeste da Av. Alfredo da Silva foram projetados os equipamentos públicos, que eram benéficos tanto para o quotidiano do operário como para a empresa. Numa área comum aos dois núcleos foram edificados equipamentos como a creche, o refeitório e o posto médico. Os dois primeiros eram servidos por uma rua, que fazia a ligação entre o bairro e a entrada do complexo fabril. Estes equipamentos foram inaugurados em 1966, em conjunto com os equipamentos comerciais (do centro dos blocos habitacionais), embora já se encontrassem em funcionamento. Segundo o relatório anual de 1965 da Tabaqueira “(...) ficaram concluídos os edifícios do Infantário e Jardim Infantil, do Centro Comercial e do Posto Médico (...)” (CÂMARA, 1995, p. 134). Todavia, o momento solene de inauguração só se dá, em maio de 1967, com a visita do



Presidente da República, Américo Tomás e de outros membros do Conselho, ao Bairro da Tabaqueira.

A Este da Av. Alfredo da Silva, mas em cotas semelhantes à do bairro, desenhar-se-ia a zona de cultura e lazer. Para este núcleo foram projetados a igreja e o centro cultural. A igreja foi inaugurada primeiramente, em dezembro de 1965, e com esta seria projetado um acesso direto à Av. Alfredo da Silva. Por sua vez, o centro cultural só se encontraria em pleno funcionamento em 1970. No relatório anual de 1968 é apresentada, pela primeira vez, a hipótese de expansão do bairro, dado o aumento de produção que requereria mais mão-de-obra (CÂMARA, 1995).

Page | 382

O Bairro Novo construído entre 1968 e 1975 situar-se-ia a Norte da área residencial edificada na primeira fase e respeitou a mesma lógica de disposição das bandas habitacionais. Os blocos habitacionais, agruparam-se em 4 bandas residenciais, que entre si formaram um vazio regular, que estenderia o espaço público de cada bloco habitacional para o exterior do prédio. Dada a regularidade do terreno, este espaço público funcionaria como praça ajardinada. O traçado exterior das bandas habitacionais mantém-se idêntico, permitindo uma uniformidade de linguagem entre os edifícios projetados nos anos 60 e os projetados nos anos 70. Tal como nos blocos habitacionais da primeira fase, mantêm-se os 4 pisos de altura, numa lógica de 2 apartamentos por piso. Para o Bairro Novo foram projetadas 4 bandas habitacionais, o que significava 120 novos apartamentos que pertenciam às HE-FCP.

Simultaneamente ao desenvolvimento habitacional, a zona laboral também aumentou as suas dimensões em 1970. Foram projetados novos armazéns perante os resultados positivos da produção fabril. Com a edificação destas novas estruturas os limites iniciais do complexo industrial de A Tabaqueira aumentaram.

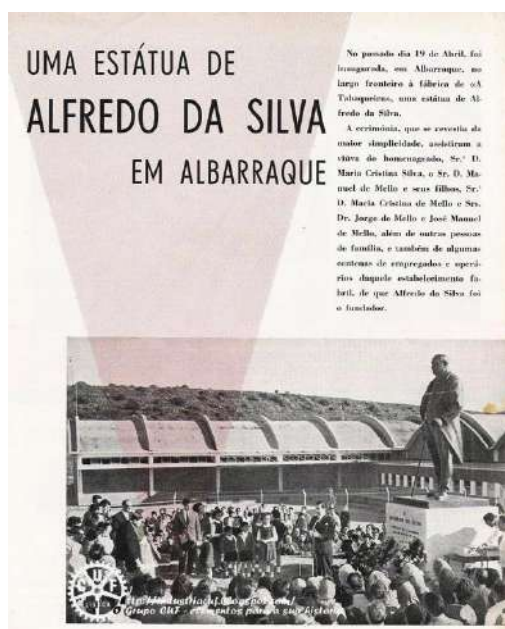


Figura 2: Inauguração da estátua de Alfredo da Silva, em Albarraque

Em 1965, durante as comemorações do centenário da CUF, inaugura-se o monumento a Alfredo da Silva. A obra segue o habitual reportório formal da estatuária, designadamente a representação do homenageado elevado sobre um plinto com inscrições. É particularmente significativo que o seu autor seja o estatuário mais conceituado do Estado Novo, o escultor Leopoldo de Almeida. A estátua implanta-se de frente para a principal via de acesso ao bairro, entre a zona fabril e residencial, reforçando uma ideia de figura tutelar e protetora deste conjunto urbano e dos seus funcionários.

A indústria organizou e desenhou o território. Se nos primeiros tempos a indústria existiu em áreas rurais, posteriormente localizou-se na cidade, nomeadamente junto das principais linhas de



água e numa terceira etapa dando preferência à ocupação de zonas periféricas à cidade. Foi precisamente desta maneira, que a fábrica da Tabaqueira também estruturou o território de Xabregas, numa primeira fase, e posteriormente o de Albarraque, colonizando as áreas adjacentes à mesma. Neste processo de implantação do complexo industrial da Tabaqueira em Albarraque esta investigação permitiu determinar a capacidade da indústria em criar e transformar os ambientes próximos e distantes, vinculando amplas extensões territoriais.

Com o projeto apresentado destacamos também os arquitetos modernistas, que se dedicaram a projetar uma arquitetura indiferenciada da classe social a quem se destina. Neste espírito de construir e desenhar para pobres e ricos da mesma maneira perspetiva-se o valor do plano urbanístico e a procura por uma paisagem imaginada, onde a Natureza imperará. Por tudo o que se disse, consideramos o projeto residencial da Tabaqueira de uma obra cheia de ensinamentos materializados numa consistente arquitetura e num plano urbano inovador.

Este conjunto suburbano nitidamente moderno conjuga as necessidades funcionais com a qualidade de vida do campo, por via da construção de equipamento e de amplos espaços verdes onde se habitava em blocos, respeitando as questões de higiene.

Numa investigação futura sobre o bairro operário da Tabaqueira pretendemos quantificar a qualidade dos projetos de habitação na perspetiva dos seus residentes. A importância da avaliação funcional e comportamental da pós-ocupação é indiscutível. O respeito pelo projeto do arquiteto muito dirá sobre a satisfação dos seus habitantes. Descrevemos aqui os aspetos formais e funcionais do projeto, conscientes da necessidade de uma análise futura às habitações e às relações dos efeitos das características estéticas, funcionais e técnicas (as características físico-espaciais) em virtude do uso e das transformações realizadas pelos seus moradores ao longo dos tempos.

Agradecimentos

Esta investigação foi financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) através do projeto UIDB/04466/2020 e UIDP/04466/2020 do ISTAR-IUL.

REFERÊNCIAS

Alves, V. (2021) “O Bairro Operário da Tabaqueira em Sintra (1958-2021): Indústria, urbanismo e arquitetura”, Dissertação de mestrado integrado em Arquitetura, ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa. <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/24790>

Câmara, J. S. (1995) História da Tabaqueira (Bertrand Editores, Lisboa).

Neves, P. (2010) “Gerir o crescimento empresarial - A evolução da estrutura organizativa da CUF”, em Actas do colóquio internacional Industrialização em Portugal no século XX: o caso do Barreiro (EDIUAL, Lisboa) 37-57.